



### Professor e Coordenador: Parceiros no Trabalho Pedagógico

*Maria Irisdene Batista Barreto<sup>1</sup>; Sayonara Abrantes de Oliveira Uchoa<sup>2</sup>;  
Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira Cabral<sup>3</sup>; Hermes Melo Teixeira Batista<sup>4</sup>*

**Resumo:** Apresenta as reflexões acerca da construção do conceito de trabalho docente, situação que, nos últimos anos, tem levado em conta uma abordagem discursiva e, vários elementos constitutivos da atividade educacional. Partimos então do pressuposto de que a prática docente realizada de forma satisfatória deve ser construída com base na investigação. Assim, objetiva analisar as representações que uma professora e uma coordenadora têm acerca das prescrições que são determinadas para orientar o agir de ambas. Os dados que compõem o corpus foram coletados a partir de uma entrevista semiestruturada com uma professora recém-formada que leciona língua portuguesa em uma escola do estado da cidade de Cajazeiras e outra que é psicopedagoga e atua como coordenadora pedagógica no IFPB, na cidade de Princesa Isabel no estado da Paraíba. Sob a ótica da linha teórica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 2008) e, em especial, à luz dos conceitos oriundos das Ciências do trabalho (SAUJAT 2004; BUENO, 2009) estabelecemos a ponte entre linguagem e trabalho educacional a fim de compreender a atividade docente, ancora-se, ainda, em Bronckart e Machado (2004), Saujat (2004), Bueno (2009), Machado (2009), entre outros. Contribui, pois, para a reflexão sobre parcerias necessárias ao ensino.

**Palavras-Chave:** Ensino. Pedagogia. Relações de ensino.

### The Teacher and the Coordinator: Partners of Pedagogical Work

**Abstract:** It presents the reflections about the construction of the concept of teaching work, a situation that, in recent years, has taken into account a discursive approach and several constituent elements of the educational activity. We then assume that satisfactory teaching practice must be built on the basis of research. Thus, it aims to analyze the representations that a teacher and a coordinator have about the prescriptions that are determined to guide the action of both. The data that compose the corpus were collected from a semistructured interview with a newly trained teacher who teaches Portuguese in a school in the state of Cajazeiras and another who is a psychopedagogue and works as a pedagogical coordinator at the IFPB in the city of Princesa Isabel in the state of Paraíba. From the perspective of the theoretical line of Sociodiscursive Interactionism (ISD) (BRONCKART, 2008), and in particular, in the light of the concepts derived from the work sciences (SAUJAT 2004; BUENO, 2009), we establish a bridge between language and educational work in order to (2004), Saujat (2004), Bueno (2009), and Machado (2009), among others. It contributes, therefore, to the reflection on partnerships necessary for teaching.

**Keywords:** Teaching. Pedagogy. Teaching relationships.

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – PROLING. Participou do Programa de Desenvolvimento Profissional para professores de Língua Inglesa na University Central of Florida (2013). Atualmente é docente na Faculdade de Ciências e Letras de Cajazeiras ministrando as disciplinas de Inglês Instrumental e Português Instrumental. Contato: yris\_pb@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba-PROLING. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Contato: sayonara\_abrantes@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Letras pelo IFPB. Graduada em Enfermagem pela UFCG, Mestre em Sistemas Agroindustriais pela UFCF e Doutorado em andamento em Ciências da Saúde pela FMSCMSP. Contato: symara\_abrantes@hotmail.com

<sup>4</sup> Médico pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Médico do Hospital Universitário Júlio Bandeira, Cajazeiras – PB. Docente na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte. Mestrado e Doutorado em Ciências da saúde pela Faculdade de Medicina do ABC. Santo André-SP.

Contato: hermesmelo@oi.com.br

## Introdução

Porque é tão difícil entender o trabalho do professor? Por que aquilo que é definido como objetivo de aprendizagem não se efetiva nos índices de desempenhos escolares? Por que o professor não consegue andar lado a lado com as prescrições? Como se define uma boa aula? Esses questionamentos e outros advindos do contexto escolar têm servido de suporte para as inúmeras investigações feitas por pesquisadores filiados a diferentes perspectivas teóricas na LA e que têm como foco de investigação: a docência.

Ao longo da história, diversos caminhos foram trilhados para entender a complexidade entre o agir docente e a própria concepção do que vem a ser o trabalho educacional. Neste sentido, como ressalta, Medrado (2011, p. 22), “temos testemunhado, nos últimos anos, a difusão e ideais que sinalizam para o fato de que o trabalho do professor vai além do planejamento de aulas, regulação de abordagens metodológicas ou domínio de técnicas de ensino”.

Assim, é importante salientar que a construção do conceito de trabalho docente, nos últimos anos, tem levado em conta uma abordagem discursiva e, vários elementos constitutivos da atividade educacional. Partimos então do pressuposto de que a prática docente realizada de forma satisfatória deve ser construída com base na investigação e nas reflexões do profissional sobre seu agir, a fim de que os desafios emergentes possam ser enfrentados e a partir daí, seja delineado um jeito novo de agir em busca dos objetivos traçados.

Sabemos que a compreensão que pesquisadores e formadores têm sobre os desafios que são realmente enfrentados pelo professor ainda é limitada. Na tentativa de encontrar esse novo trajeto, propomos, neste artigo, analisar as representações que uma professora e uma coordenadora têm acerca das prescrições que são determinadas para orientar o agir de ambas. Bronckart e Machado (2004) reforçam nosso pensamento, argumentando que o entendimento efetivo das ações do professor e de suas representações, assim como expressas em suas produções textuais, pode levar à compreensão do trabalho docente.

Sob a ótica da linha teórica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 2008) e, em especial, à luz dos conceitos oriundos das Ciências do trabalho (SAUJAT 2004; BUENO, 2009) tentaremos construir uma ponte entre linguagem e trabalho educacional a fim de compreender a atividade docente. Os dados que compõem o corpus foram coletados a partir

de uma entrevista semiestruturada. Uma das entrevistadas é uma professora recém-formada e leciona língua portuguesa em uma escola do estado da cidade de Cajazeiras e a outra é psicopedagoga e atua como coordenadora pedagógica no IFPB, na cidade de Princesa Isabel no estado da Paraíba.

Desejando compreender o trabalho do professor vários questionamentos surgiram ao nos depararmos com o corpus. Estes direcionarão a nossa análise: as prescrições são “anjos” ou “demônios”? Até que ponto elas influenciam no planejamento e na execução do trabalho em sala de aula? Que representações a professora faz do seu trabalho? Por que o coordenador é visto como um “inimigo” no contexto escolar?

Para tentar responder essas questões, apresentaremos um breve panorama do Interacionismo Discursivo (ISD) contemplando os aspectos multidimensionais do agir docente. Em seguida, discorreremos sobre as principais contribuições dos estudos da ergonomia e da Clínica da Atividade sobre o trabalho para, finalmente, analisarmos o discurso da professora e da coordenadora.

Para atingir nossos objetivos, o artigo está estruturado em quatro partes. Na primeira, estão expostos os pressupostos teóricos que guiaram a reflexão, referentes aos conceitos utilizados. Na segunda parte, trataremos dos procedimentos metodológicos e, na terceira, a discussão dos resultados das análises efetivadas. Por fim, a quarta seção sintetiza as conclusões sobre as representações concernentes ao trabalho prescrito, feitas pelas profissionais entrevistadas.

## **Pressupostos teóricos**

Inicialmente, discutimos sobre o conceito de trabalho docente fazendo uma ponte com o trabalho do pedagogo. Na sequência discorreremos sobre as noções de trabalho docente e finalizamos com aportes teóricos sobre vozes.

Alinhamo-nos a Medrado (2011, p. 27), quando ela afirma que analisar o trabalho docente a partir de uma perspectiva discursiva significa, sobretudo, compreender que a linguagem tem um papel fundador nas práticas sociais, uma vez que “é nos textos e pelos textos que se constroem representações sobre o trabalho docente que se constituem como lugares de

morfogênese (origem e estruturação) do agir do professor no trabalho” (MACHADO, 2009, p. 58).

São os trabalhos da ergonomia francesa e da análise do trabalho que reforçam o renascer de uma didática significativa que compreendesse as capacidades e os conhecimentos necessários para que os professores pudessem realizar seu ofício de forma eficaz: fazer uma aula acontecer atendendo as próprias expectativas, os objetivos predefinidos pela instituição escolar e às características específicas do aluno.

Desta forma, quando pensamos em analisar as situações de trabalho chegamos à conclusão, como já é comprovado em inúmeras pesquisas (Machado, 2009, p. 80), que o trabalhador está diante de dois níveis de trabalho: o prescrito e o realizado. O primeiro, que Amigues (2004, p.39) denomina de tarefa, refere-se às restrições provenientes das instituições que dão uma configuração inicial à ação do trabalhador e que são frequentemente explicitadas em textos instrucionais ou procedimentais. O segundo, o trabalho realizado, traduz o que é feito pelo trabalhador, aquilo que é visível.

Evidentemente, que as transformações do mundo do trabalho e a emergência de novos objetos de estudo: a linguagem em situação de trabalho e o trabalho do professor trouxeram consequências profundas sobre o agir do professor, sobre sua subjetividade e sua identidade. A campanha liderada pelos países centrais, sob a hegemonia do neoliberalismo, com o objetivo de acelerar o processo de mercantilização dos bens intelectuais, contribuiu para uma nova concepção de educação. A demanda de pesquisas voltadas à formação docente, incentivadas pelas políticas governamentais, resulta na necessidade de considerar o professor como um real trabalhador, como um agente cujas ações não são apenas constituídas de prescrições, mas também (re)construídas por ele mesmo.

Nesse contexto amplia-se a concepção do trabalho do professor. Com base na Clínica da Atividade, preconizada por Clot (1995, 1999), outro aspecto do trabalho tem sido investigado, o trabalho real, sugerindo que a atividade docente não se restringe apenas ao que foi realizado, mas a aquilo que poderia ter acontecido. De acordo com Amigues (2004, p.39), o trabalho real, também denominado de atividade, corresponde a toda atividade mental desenvolvida pelo docente para concretizar a tarefa, mas que não foi possível realizar.

Torna-se indispensável, portanto, conhecer as diferenças entre o trabalho prescrito e o realizado e o real para definir a ação docente e as suas características. O trabalho do professor é uma atividade instrumentada e direcionada (Amigues, 2004, p. 41), isto é, dirige-se não

apenas aos alunos, mas também à instituição, que o emprega, aos pais, a outros profissionais. Ela é socialmente situada e constantemente mediada por objetos que constituem um sistema. Para agir o professor deve estabelecer e coordenar relações, na forma de compromisso, entre vários objetos constitutivos de sua atividade.

Assim, as prescrições desempenham um papel decisivo do ponto de vista da atividade. Constituem-se em um conjunto de normas e regras, programas e procedimentos que regulam as ações. Tognato (2009) aponta que as prescrições são abordadas de forma explícita em textos direcionados a trabalhadores. Tal como ressalta Bronckart (2006, p. 208), “o trabalho prescrito constitui-se como uma representação do que deve ser o trabalho, que é anterior à sua realização efetiva; portanto, os projetos didáticos, os programas, os manuais, as sequências didáticas pertencem a esse nível”.

Entretanto, como estas possuem um caráter vago, os professores as redefinem, através de um processo de concepção e organização, para então realizarem como afirma Amigues (2004, p.42), “a realização de uma prescrição traduz-se pela reorganização tanto do meio de trabalho do professor como dos alunos”, isto significa dizer que o trabalho do professor é mediado por um “trabalho de concepção e de organização de um meio que geralmente apresenta formas coletivas”.

Assim, o trabalho do professor, não é uma atividade construída apenas nos limites da sala de aula, ela se desenvolve em outras dimensões, é um “ponto de encontro de várias histórias” a partir do qual o professor reconstrói o meio pela ação coletiva, abrindo novas possibilidades de ação. Trata-se então, de uma atividade regulada, contínua e coletiva (AMIGUES, op. cit. p. 45).

Lousada (2007, p. 273) salienta que muitas metodologias, como elaborar e analisar planos de aula, diários reflexivos, relatos de uma aula dada pelo professor ou pelo observador, filmagens de aulas para posterior análise, dentre outras, têm sido usadas na formação de professores visando melhorar a sua atuação em sala de aula. Entretanto, a pesquisadora defende que essas metodologias não levam em consideração outras dimensões que fazem parte do trabalho do professor e envolvem apenas a interação com os alunos.

Neste sentido, o número de pesquisas que traz como foco o agir do professor na ótica do trabalho tem crescido consideravelmente. É claro que isto se comprova pelo fato de que a atividade educacional passou a ser considerada como um *verdadeiro trabalho*, já que é um trabalho bastante complexo e opaco, tornando-se objeto de investigação, reflexão, debate e de

pesquisas de caráter didático e/ou científicos, conforme ressalta Bronckart (2006, p.203). Um aspecto importante a ser considerado é que as concepções sobre o trabalho do professor têm sido ampliadas tendo em vista que toda atividade humana é mediada pela linguagem, incluindo o trabalho que é desenvolvido pelo professor, essas pesquisas objetivam investigar as relações entre linguagem e o trabalho educacional através dos diversos textos sobre as atividades desenvolvidas pelo professor.

Assim, considerando o trabalho do professor no círculo das Ciências do Trabalho e não sob a visão das Ciências da Educação, podemos captar minuciosos aspectos que encorpam o trabalho docente. É neste intuito de compreender o trabalho docente que discutiremos quais tipos de trabalho (prescrito, real ou realizado) se sobressaem no discurso de uma professora e de uma coordenadora a respeito da avaliação que fazem do seu agir.

Discutir sobre as noções de trabalho a partir da comparação das três categorias de análise é muito importante para compreender o trabalho docente. Nossa proposta de pesquisa, portanto, se alinha ao procurar entender e contribuir para a compreensão do trabalho docente a partir da maneira como uma professora de língua portuguesa e uma coordenadora pedagógica representam seu agir no discurso, evidenciando o papel das prescrições no trabalho educacional.

Considerando que o trabalho educacional é explicitamente coletivo, a presença do pedagogo é fundamental na organização do trabalho pedagógico, pois, é ele o articulador do processo ensino-aprendizagem, de forma a garantir a consistência das ações pedagógicas e administrativas. Conforme ressalta Pimenta (1985, p.34):

A prática na escola é uma prática coletiva. – os pedagogos são profissionais necessários na escola: seja na tarefa de administração, (entendida como organização racional do processo de ensino e garantia de perpetuação desse processo, no sistema de ensino, de forma a consolidar um projeto pedagógico – político de emancipação das camadas populares), seja nas tarefas que ajudem o(s) professor(es) no ato de ensinar, pelo conhecimento não apenas dos processos específicos de aprendizagem mas também da articulação entre os diversos conteúdos e na busca de um projeto-político coerente (PIMENTA, 1985, p. 34).

Portanto, cabe ao pedagogo organizar seu plano de trabalho, direcionando as ações específicas de sua função no cotidiano escolar, em consonância com os demais setores da instituição escolar, tendo como ponto de apoio o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar, documentos oficiais que legalizam o trabalho na escola.

Dessa forma, o pedagogo planeja, decide, coordena, executa ações, acompanha e controla, avalia as questões didáticas e pedagógicas de forma articulada com os demais profissionais, buscando a efetivação no processo ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, tem-se considerado a atividade docente como um verdadeiro trabalho (BRONCKART, 2006) definida como uma atividade situada, por estar inserida e sofrer influências do contexto mais imediato e amplo; interpessoal, por fazer interagir tantos indivíduos presentes quanto ausentes da situação de trabalho; e conflituosa, por demandar escolhas constantes por parte do docente que está sempre direcionando seu agir (MACHADO, 2007).

Por isso, defendendo essa noção de trabalho e entendendo, com base nos princípios do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que a linguagem tem um papel central nas atividades e desenvolvimentos humanos e que, através dos textos, representamos as atividades humanas (BRONCKART, 2003), nossa proposta é investigar o trabalho docente a partir de textos produzidos por uma professora de língua portuguesa e de uma pedagoga que atua como coordenadora pedagógica sobre o papel das prescrições no seu agir. Dessa forma, nos detemos sobre as vozes (BRONCKART, op. cit.), que emergem nos discursos das profissionais a fim de evidenciar como as prescrições influenciam na ação, no trabalho real.

Para esta análise que pretendemos apresentar, acreditamos que seja necessário descrever sobre a categoria das vozes (BRONCKART, op. cit.), conforme justificamos anteriormente.

De acordo com a proposta teórico-metodológica do ISD, a linguagem é entendida como central para o desenvolvimento humano, por ser essencialmente humana e reger as condutas dos indivíduos, sendo por essa razão que se dá especial atenção à análise do agir comunicativo verbal. Conforme, Bronckart (op. cit.), todo texto apresenta-se estruturado em três níveis, que o autor intitula de folhado textual. O primeiro nível, o mais profundo, refere-se à infraestrutura geral do texto; o segundo, nível intermediário, aos mecanismos de textualização e o terceiro, nível superficial, aos mecanismos enunciativos. Este último nível contribui na interpretação do texto e é responsável pela coerência pragmática deste, através das modalizações e das vozes. Estas últimas são definidas como “[...] entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado” (BRONCKART, op. cit. p. 326).

Conforme justificamos, faremos uso das vozes enunciativas como suporte teórico para a análise do discurso das profissionais pedagógicas, que, de acordo com Bronckart (op. cit.) organizam-se em dois grupos: a voz neutra, que dependendo do tipo de texto, pode ser a do



narrador ou a do expositor, e as vozes secundárias. Estas últimas podem ser de três tipos: as vozes dos personagens que atuam “[...] na qualidade de agentes, nos acontecimentos ou ações constitutivas do conteúdo temático [...]” (BRONCKART, op. cit. p. 327); as vozes sociais, procedentes de personagens ou instituições sociais, que, como explica Bronckart (op. cit.), “[...] não intervêm como agentes [...], mas que são mencionados como instâncias externas de avaliação [...]”, e finalmente, a voz do autor empírico, (produtor textual), que de acordo com o referido autor, “[...] intervém, [...], para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado” (BRONCKART, 2003, p. 327).

Confiantes que construímos nosso embasamento teórico bem detalhado apresentaremos a seguir, através da análise dos enunciados das profissionais entrevistadas, quais representações estas têm sobre os textos prescritivos que circundam a atividade pedagógica.

### **Proposta metodológica**

Para a realização desta pesquisa, em janeiro de 2013, entrevistamos uma professora de língua portuguesa, de uma escola estadual da cidade de Cajazeiras-Pb e uma pedagoga, que atua como coordenadora pedagógica em uma Instituição Federal da cidade de Princesa Isabel-Pb. A professora, que nós vamos identificá-la como Lua, tem 25 anos, é recém-formada em Letras com habilitação em português, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus V, possui especialização em Língua Portuguesa pela referida instituição e é recém-concursada do estado da Paraíba. A pedagoga que a identificaremos como Sol, tem 40 anos, trabalhou como coordenadora durante 20 anos em escolas particulares da cidade de Cajazeiras, tem especialização em psicopedagogia e há três anos vem atuando na rede pública.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, escolhemos a entrevista semiestruturada, não só por possibilitar a delimitação do tema, mas também por ser um gênero que permite a construção de identidades através da interação comunicativa, como afirma Medrado (2007, p. 744):

A entrevista, como qualquer evento comunicativo, envolve seus interlocutores em construção de significados, porquanto na interação as pessoas agem por meio dos seus discursos ao se construírem e construírem os outros (MEDRADO, 2007, p. 744).



A entrevista, composta por nove perguntas, traz as representações que as referidas profissionais revelam sobre os textos prescritivos que permeiam a atividade pedagógica de ambas. As entrevistas, com Sol e Lua, foram realizadas na residência de cada uma e o tempo de duração foi de 17min40seg e de 13min20seg, respectivamente.

## **Análise dos dados**

A análise dos dados gerados por meio da entrevista foi realizada levando em consideração principalmente o seu conteúdo temático, focalizando além dos objetos, as representações que as profissionais fazem quanto ao trabalho docente. No discurso abaixo, Sol refere-se a fase de planejamento discorrendo sobre os aspectos que ela considera importantes para a realização do seu trabalho.

*Bom/ eu acredito que ao planejar a aula é muito importante que o professor leve em consideração o público alvo né/ qual o discente a que ele tá se dirigindo/ observar as suas necessidades/ observar as necessidades da escola/ enfim/ é claro/o levar em consideração o que o currículo sugere.*

Nesse segmento, podemos perceber que a professora considera que durante a fase de planejamento é muito importante levar em consideração não só o aluno, mas também, a escola, e é claro, o currículo. A atividade de planejar, para ela, organiza-se nesse triângulo que engloba os instrumentos e coletivos de trabalho e que na sua representação estes são os constituintes fundamentais para o bom desenvolvimento do trabalho. Fica claro que a professora considera a atividade docente socialmente situada e está consciente de que deve estabelecer relações entre vários objetos constitutivos de sua atividade. Podemos perceber que ela sente a necessidade de conhecer o aluno, ou seja, ela deseja constituir o meio pela ação coletiva.

Essa visão de trabalho coletivo é defendida por Machado (2007, p.92) ao afirmar que

[...] uma atividade em que um determinado sujeito age sobre o meio, em interação com diferentes 'outros', servindo-se de artefatos materiais ou simbólicos construídos sociohistoricamente, dos quais ele se apropria, transformando-os em instrumentos para seu agir e sendo por eles transformado (MACHADO, 2007, p. 92).

Partindo dessa definição compreendemos porque o trabalho constitui-se como uma atividade tanto situada quanto mediada. O caráter situado do trabalho do professor refere-se ao fato de ele constantemente sofrer influências (em suas diversas dimensões física, cognitiva, social etc.) do contexto mais amplo e do mais imediato, o que lhe confere um estatuto pessoal e único (MACHADO, 2007). Já o caráter mediado compreende a apropriação de artefatos materiais ou simbólicos socialmente construídos. Apropriação, nesse caso, remete a “reconstrução ativa e intencionalmente compartilhada” (AMIGUES, 2004, p.47) dessas ferramentas, o que amplia a dimensão de ação e promove contribuições para o crescimento profissional e pessoal.

Percebe-se a presença, no seu discurso, da voz do autor empírico. Ao dizer “eu acredito” ela assume a responsabilidade do planejamento e sabe quais os direcionamentos deve seguir para atingir seus objetivos.

Além disso, observa-se também a presença de uma voz social. Ao afirmar que: “é muito importante que o professor leve em consideração o público alvo né/ qual o discente a que ele tá se dirigindo/ observar as suas necessidades/ observar as necessidades da escola/ enfim/ é claro/ levar em consideração o que o currículo sugere”, Lua faz uso do discurso compartilhado pelas instituições de ensino. As atividades enunciadas são de responsabilidade do professor, isto é, fazem parte do agir docente, pois assim foi prescrito nos textos das instâncias educacionais e Lua toma para si este discurso social das escolas para enfatizar a sua representação quanto ao que considera importante durante a fase do planejamento.

Ao afirmar que é preciso “levar em consideração o que o currículo sugere”, podemos constatar que a partir do planejamento a docente toma a prescrição como algo a ser cumprido. Ela vai atender as necessidades sem se ausentar do currículo, lembrando Amigues (2004, p. 42), “[...] as prescrições não servem apenas como desencadeadoras da ação do professor, sendo também constitutivas de sua atividade”.

No discurso a seguir, Sol, assim como Lua, usa a voz do autor empírico, assumindo a responsabilidade na hora de planejar, usando a primeira pessoa do discurso, “eu considero”, “eu vou”, “eu sou”, e também a voz social, deixando transparecer as prescrições elaboradas nos textos pedagógicos.

*Bom/ eu considero importante/ quais os conteúdos que vou explicar o público alvo que vou interagir/ a organização onde eu vou aplicar o meu trabalho/ e o tempo necessário para a aplicação desse trabalho.*

O segundo ponto destacado na entrevista refere-se a contribuição das prescrições para a prática pedagógica. A professora Lua afirmou que:

*Eu acredito que elas contribuem de certa forma/ porque ajudam a organizar o trabalho/ mas também elas tendem a reprimir ou a restringir a prática docente né/ porque o professor tende a ficar/ digamos/ preso ao que é sugerido ou imposto né/ou até mesmo a criatividade do docente chega a ser tolhida certas vezes.*

Como se observa no discurso da entrevistada, ela vê as prescrições sob dois prismas, um, de certa forma, é positivo já que “ajuda a organizar o trabalho” e o outro, compreende-se pelo lado negativo, pois segundo Lua, as prescrições contrariam o agir do professor, tiram a sua autonomia e o transformam em mero executor de ações prefiguradas.

Neste discurso, percebe-se a via de mão dupla que percorrem as prescrições na prática docente. A professora concorda que existem verdadeiras contribuições, principalmente na organização do trabalho, no entanto, ela critica a falta de liberdade que acomoda o professor e o torna passivo, um sujeito que repete metodologias, que obedece sem reclamar, porque não tem oportunidade, nem espaço.

O posicionamento de Sol aponta o lado positivo das prescrições e reafirma a presença da voz social:

*Na medida em que são elas que norteiam a atividade pedagógico-metodológica do trabalho/elas não são a determinação do todo/elas dão o norte para meu trabalho/eu preciso saber a diretriz legal para fundamentar o meu trabalho/quando se prepara o trabalho/eu preciso saber todos os determinantes.*

O texto evidencia que as prescrições funcionam como uma bússola para o professor. Dessa forma, elas devem estar ao lado do professor mediando as suas ações em sala de aula. Quando ela afirma que as prescrições “não são a determinação do todo”, isto significa que cabe ao professor a palavra final, de reformular, reorganizar o seu agir a partir do que está prescrito.

Em relação às dificuldades que as prescrições apresentam ao serem relacionadas com a prática docente, Lua afirmou que:

*Eu acho que as maiores dificuldades estão relacionadas com o tempo que o professor perde/ por exemplo/ o preenchimento dos diários/ preenchimento de tantas informações/ o tempo que o professor gasta com tantas coisas burocráticas que poderiam ser minimizadas/ não eliminado/ mas minimizado.*

A professora chama a atenção para o excesso de trabalho que impede a efetivação do processo de ensino e aprendizagem. Mais uma vez a voz social presente no discurso, lembra que as prescrições devem estar presentes na atividade docente, de forma que não tragam consequências negativas para o trabalho docente.

De acordo com Sol, as prescrições exercem um papel fundamental e se forem bem interpretadas contribuem para a valorização do docente.

*O pedagogo vê o outro lado/para o pedagogo a prescrição é fundamental/ ele precisa cumprir prazos/ isso gera mal-estar para o professor porque ele é cobrado/ e como ele tem muitas tarefas/ preparar a aula/ preparar a metodologia/ preencher diários/ fichas de avaliação/ acaba tendo problemas de cumprimento de prazos/ o pedagogo trabalha com dados/ com estatísticas.*

No texto, aparecem as vozes dos personagens, o pedagogo trabalha seguindo as prescrições e o professor tentando se desviar acaba tendo problemas interpessoais. Isto acaba sobrecarregando-o e afetando o seu agir. Nesta visão, as evidências deixam transparecer a relação pouco amistosa entre professor e coordenador, uma vez que este último é visto como aquele que exige o cumprimento das tarefas desconsiderando a carga do professor. É importante frisar que o vilão na história será o coordenador que cobra do professor o cumprimento das prescrições e não as prescrições que obrigam o coordenador a tomar determinadas atitudes seguindo leis pré-estabelecidas.

Constatamos que embora a professora Lua não tenha larga experiência de sala de aula, seu discurso nos revela que ela é consciente do seu fazer docente. Não restam dúvidas que ela é uma docente engajada com a educação e que apesar das angústias, na maioria das vezes causadas pelo excesso de prescrições, ela considera relevante na efetivação do trabalho docente. O segmento abaixo comprova tal afirmação:

*É/ eu acredito/ só se o professor não tiver atualizado/ ele vai ser só um mero repetidor/ eu acho que é preciso equilíbrio/ter o conhecimento/ e ter a consciência do que ele pode e deve fazer.*

As contribuições advindas do discurso de Sol nos mostraram que o valor da experiência é incalculável. Talvez, ainda precisamos construir pedagogos preocupados e responsáveis com a ação educativa, que saiba interagir com o docente de forma humana. O posicionamento da pedagoga mostrou sua capacidade de agir diante de situações conflituosas. Dinamismo,

paciência e diálogo são marcas do seu fazer pedagógico. Isto fica comprovado através do trecho:

*Na verdade/ as prescrições refletem o trabalho realizado/ falta isso/ como lidar com os dados/ organizar as informações/ a grande dificuldade é que quando a informação chega/ parece que é punitiva/ medida punitiva/ quando vem com essa característica/ ela é negativa/ eu tenho que fazer isso porque a lei diz/ fazendo por fazer/ na hora de construir um documento legal/ não há uma reflexão.*

É importante salientar que as contribuições oriundas das Ciências do Trabalho, assim como as noções de trabalho docente também contribuem para que possamos compreender, de fato, o verdadeiro significado de trabalho docente.

### **Algumas considerações**

Este trabalho teve como objetivo analisar, através dos mecanismos enunciativos das vozes do ISD, as representações que uma professora e uma coordenadora pedagógica constroem acerca das prescrições que permeiam o fazer pedagógico.

Pudemos constatar a presença dos três tipos de vozes, ocorrendo com mais intensidade, a voz social e de autor empírico na fala das profissionais entrevistadas. A voz de personagem apresenta poucas intervenções no discurso de ambas.

Observamos que, para a professora Lua, as representações focam a ideologia discursiva do contexto educacional. Como ressalta Bronckart (2009, p.227), as instâncias superiores objetivam resultados e desconsideram os “[...] múltiplos aspectos (sociológicos, materiais, afetivos, disciplinares, etc.)” inseridos no fazer pedagógico do docente. Para a docente as prescrições representam obstáculos para a efetivação do trabalho docente, porém não deveriam ser eliminadas, mas minimizadas.

Para a pedagoga Sol, as prescrições exercem um papel fundamental no agir pedagógico, pois direcionam a atividade. Para a entrevistada o docente precisa estar mais informado e conhecer as leis que permeiam a docência, tais como a LDB, o Regimento Escolar, o Projeto Político Pedagógico, entre outros. Além disso, ele deve organizar as informações e atualizar os dados, dessa forma uma série de contratempos seriam evitados e o coordenador seria visto como um articulador de ações, um assessor no processo de ensino e aprendizagem que busca integrar o coletivo levando-o a refletir sobre sua prática.

Analisar o trabalho do professor envolve, nessa perspectiva, não apenas a observação, mas a interpretação do agir. Significa compreender que a linguagem tem um papel fundamental nas práticas sociais, uma vez que é “[...] é nos textos e pelos textos que se constroem representações sobre o trabalho docente” (MACHADO, 2009, p.58).

Assim, ao compreendermos que as situações de trabalho evidenciadas nas produções textuais propiciam espaço para a construção de saberes, entendemos a importância das interações sociais para a realização das atividades languageiras. Compreender o trabalho docente é sem dúvida bastante complexo, porque temos que levar em conta os três momentos: o antes, o durante e o depois. No entanto, é preciso refletir sobre todos os aspectos que compõem o trabalho do professor e a partir do entendimento, redimensionar a arquitetura da sala de aula, gerenciar ações transformadoras a fim de construir uma nova práxis.

## Referências

AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, Anna Rachel (Org). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. São Paulo: EDUEL, 2004, p. 39-41-42.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, texto e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

\_\_\_\_\_. Atividade de linguagem, *Discurso e desenvolvimento Humano*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006, p. 208.

\_\_\_\_\_. MACHADO, Anna Rachel. Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In.: MACHADO, Anna Rachel (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. São Paulo: Eduel, 2004.

\_\_\_\_\_. O trabalho como agir e a formação pela análise do trabalho. In.; BRONCKART, Jean-Paul. *O Agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. São Paulo: Mercado das Letras, 2008.

CLOT, Yves. *A função psicológica do trabalho*. São Paulo: Editora Vozes, 2006.

MACHADO, Anna Rachel e BRONCKART, Jean-Paul. (re)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In: MACHADO, A. R. e colaboradores; CRISTÓVÃO, V. L. L., ABREU-TARDELLI, L. S.

(Orgs.) *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009.

MEDRADO, Betânia Passos. Leituras do Agir Docente: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva. v. 12, campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p.22, 27.

\_\_\_\_\_. *A entrevista como espaço de construção de identidade*. In: Anais do IV Simpósio Internacional de estudos de Gêneros textuais, tubarão, santa catarina, 2007, v. 01, p. 733755. [http://74.125.155.132/scholar?q=cache:7FWLdVIL8iwJ:scholar.google.com/&hl=pt-Br&as\\_sdt=2000](http://74.125.155.132/scholar?q=cache:7FWLdVIL8iwJ:scholar.google.com/&hl=pt-Br&as_sdt=2000). Acesso em 25 jan, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. *O Pedagogo na Escola Pública*. 3. Ed. São Paulo. Edições Loyola, 1995.

SAUJAT, Frédéric. O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama. In.: MACHADO, Anna Rachel (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: EDUEL, 2004.

TOGNATO, Maria Izabel Rodrigues. *A (re)construção do trabalho do professor de inglês pela linguagem* (Tese de doutorado em Linguística Aplicada e estudos da Linguagem). São Paulo: PUC, 2009.

## Apêndice 1: Entrevista

1. O que você considera importante ao planejar suas aulas?
2. Em que medida as prescrições atingem o trabalho do professor?
3. As prescrições delineadas nos textos da instituição influenciam o seu trabalho docente?
4. Qual a importância das prescrições para a sua prática?
5. Que tipo de dificuldades você encontra ao relacionar as prescrições com a sua prática?
6. Em que medida as prescrições atingem o trabalho do professor?
7. Ao introduzir as prescrições, as instituições estariam incentivando o agir docente ou impossibilitando esse agir?
8. Até que ponto os professores são responsáveis pelas prescrições determinadas nos documentos que regulamentam nossa prática?
9. Na sua concepção esses documentos colaboram para a desvalorização do professor?

### Como citar este artigo (Formato ABNT):

BARRETO, Maria Irisdene B.; UCHOA, Sayonara Abrantes de O.; CABRAL, Symara Abrantes Albuquerque de O.; BATISTA, Hermes Melo T. Professor e Coordenador: Parceiros no Trabalho Pedagógico. *Id on Line Rev. Mult. Psic.*, 2018, vol.12, n.41, p.774-788. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 03/07/2018

Aceito 18/07/2018